



O MEDO E O MAR

MARIA CAMARGO

1ª reimpressão

SÊQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2009 by Maria Camargo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Capa e projeto gráfico
warrakloureiro

Preparação
Leda Cartum

Revisão
Ana Luiza Couto, Lucas Puntel Carrasco e Andressa Bezerra da Silva

Composição
Lilian Mitsunaga

Ilustrações
Roger Mello (pp. 2-7, 18-9, 35-7, 48, 58, 64-5, 70-1, 82, 90-1, 94-5, 100-1, 106-7 e 140-1)
warrakloureiro (pp. 1, 8, 17, 26, 38, 42, 47, 52-3, 123-4, 130 e 142-3)

“Se tudo pode acontecer”. Música de Arnaldo Antunes,
João Bandeira, Alice Ruiz e Paulo Tatit.
© Rosa Celeste Empreendimentos Artísticos Ltda.
e Universal Publishing MGB Brasil Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Camargo, Maria
O medo e o mar / de Maria Camargo. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1468-9

1. Literatura infanto-juvenil I. Título.

09-04383

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

O escuro me ilumina.

MANOEL DE BARROS



ANTES

O fim de tarde estava especialmente abafado. Algumas gotas de chuva chegaram a cair, sem trazer nenhum frescor. Sobrecarregados com o peso dos homens e das cangalhas, os seis jumentos andavam trôpegos — pareciam concordar que a viagem estava durando demais. Mas não eram só os animais que suportavam o fardo daquele caminho: o padre Francisco dos Anjos, montado no último burrico da fila que atravessava a montanha, sentia o coração pesar mais que todos os santos de madeira que levava na bagagem.

Naquele ano de 1736, poucos tinham coragem de botar os pés na trilha clandestina que partia de Minas Gerais e cortava a Serra da Bocaina, em direção ao litoral do Rio de Janeiro. Os mosquitos esfomeados e os animais que cruzavam a picada não tornavam o anoitecer nada atraente, mas a ameaça maior — e que crescia com a aproximação do mar — eram os piratas.

Depois de ancorar na baía de Paraty, os bandidos subiam a montanha e se escondiam na mata fechada, à espera do ouro que os viajantes traziam.

Todos desejavam o metal precioso, e Francisco dos Anjos era a prova de que nem a Igreja escapava ao seu fascínio. Naquela viagem, a intenção de seu grupo era a mesma de sempre — levar o ouro até o mar e dali enviá-lo, clandestinamente, para países longínquos e mais ricos.

Afastando-se um pouco da trilha, homens e jumentos haviam chegado à margem de um rio caudaloso e gelado que descia a montanha. Os tropeiros davam de beber aos animais quando algo se movimentou atrás deles:

“O passeio acabou”, disse uma velha tatuada e armada até os dentes.

O arsenal que os piratas carregavam compensava o tamanho diminuto do bando, formado apenas por três homens, um menino franzino e a líder, deformada mais pela maldade que pela idade. A seus comparsas, ela ordenou:

“Peguem o ouro.”

Francisco dos Anjos ainda ensaiou uma mentira e um pedido:

“Não temos ouro nenhum... Por Deus, deixem--nos seguir viagem em paz!”

Não foi atendido: afoitos, os piratas começaram a revirar os cestos carregados pelos jumentos. Com o movimento, uma das estatuetas de madeira caiu no chão. Do santo Antonio degolado pelo tombo brotaram pepitas de ouro bruto. A velha pirata encarou Francisco, os olhos mais brilhantes que o metal precioso:

“Que vergonha... Usar o nome de Deus em vão!”

Numa agilidade espantosa, ela pulou sobre o pescoço do padre com um imenso facão:

“Quer morrer?”

Francisco sentiu sobre si o olhar apavorado dos tropeiros que o acompanhavam. Apenas os jumentos pareciam alheios ao perigo — provavelmente se deleitavam com a pausa na longa caminhada.

“Podem levar tudo. Não vamos reagir.”

“Assim é melhor, padre. Nós também somos filhos de Deus.”

A velha empurrou Francisco, afastando-o do caminho, e foi então que notou a bolsa puída que ele trazia atravessada no dorso. Disse ao menino:

“Pegue aquela.”

Num recurso desesperado, o padre agarrou-se à sacola:

“É só um objeto pessoal. Não tem valor nenhum!”

O pequeno pirata titubeou, mas ela foi implacável:

“Arranca dele.”

Francisco dos Anjos nada pôde fazer ante um segundo facão, empunhado pelo pirata mais forte. Já os tropeiros aproveitaram a confusão para fugir embrenhando-se na mata, de onde talvez nunca saíssem com vida. Um dos bandidos ainda fez menção de ir atrás, mas a velha impediu:

“Eles não têm mais nada que nos interesse.”

Ela, porém, pareceu interessada no pequeno baú de madeira que retirou da sacola do padre. Num ímpeto, ele gritou:

“Vocês não podem abrir essa caixa, nunca! É uma grande ameaça para todos... para a cidade... para a humanidade!”

Com um sorriso que lhe deformava o rosto, a velha acariciou a meia-lua entalhada na tampa.

“Vou me lembrar de suas sábias palavras.”

O sorriso se transformou numa gargalhada que ecoou pela montanha. Ainda ecoava quando a pirata e seu bando desapareceram na mata, levando a caixa de madeira e os jumentos carregados de ouro. Apenas o menino, alguns passos atrás dos outros, lançou um último olhar para o homem caído no chão. Mais do que curioso, ele parecia compadecido. Ou pelo menos assim imaginou Francisco dos Anjos.

Sua barriga latejava dolorosamente. O padre apalpou o ferimento provocado pela faca do pirata. Era mais profundo do que imaginara, mas ele não se deteve ali. Subindo a mão até o peito, encontrou o que procurava. Puxou para fora da batina uma chave antiga, que trazia atada ao pescoço. Por alguns segundos, observou com emoção a meia-lua forjada em ferro — mas não havia tempo para contemplações. Francisco guardou a chave, levantou-se com dificuldade e se afastou dali o mais rápido que conseguiu.

Alguns metros rio abaixo, exausto, agachou-se para lavar o ferimento. De suas vestes ensanguentadas, retirou dessa vez um pequeno caderno de couro marrom e, com uma pena, começou a escrever:

“*Dei non propiti sent...*” foi o início, e novas palavras preencheram rapidamente as folhas de papel.

Assim ficou, mergulhado no texto, até que um farfalhar disparou seu coração, trazendo de volta a lembrança do rosto da velha pirata. O ruído na mata era insistente. Tomado de terror, Francisco guardou o caderno sob a roupa, segurou a chave e desceu o rio rezando fervorosamente:

“*Accende lumem sensibus, infunde amorem cordibus...*”

Aos poucos, o barulho tornou-se nítido: eram passos. Ele apressou os seus e continuou a rezar:

“*... irfirma nostri corporis virtute firmans perpeti...*”

Com o sangue desenhando uma trilha por onde passava e a energia se esvaindo, Francisco parou. Ajoelhou-se diante do rio e ainda conseguiu balbuciar algumas palavras, apertando a chave entre as mãos:

“*Per te sciamus da Patremnoscamus atque Filium, teque utrisque Spiritum credamus omni tempore...*”

Finalmente, beijou-a com fervor.

“*Doe patri sir Gloria, et Figlio, qui a mortuissurrexit, ac Paraclito, in saeculorum saecula... Amen.*”

Francisco dos Anjos atirou a chave no rio. Apesar da transparência das águas, ela desapareceu imediatamente. Alguns segundos depois, enquanto o padre agonizava junto à margem, pousou no fundo pedregoso. Poderia ficar ali para sempre, mas a correnteza encarregou-se de arrastá-la rio abaixo, em direção ao mar.

1

São quase quatro da tarde, mas o sol ainda pensa que é meio-dia. Mesmo no carro com ar-condicionado, o calor é tão forte que chega a deformar a estrada, o fim de uma curva logo revelando o início de outra. Enjoada, Stela fecha os olhos e aumenta o volume do som que invade os seus ouvidos. A música é ensurdecadora, mas ainda assim não encobre as perguntas que ecoam dentro dela: por que o pai decidiu fazer essa viagem? Por que voltar à cidade onde, dois anos antes, viveram os piores momentos de suas vidas?

Ao volante, Rodrigo assobia tranquilamente, parecendo alheio à angústia da filha. Será que no fundo ele não gostava tanto da mulher quanto dizia? Que outra explicação haveria para a vontade de reviver a tragédia, mergulhar no mesmo mar onde ela morreu? Os argumentos do pai eram racionais, lógicos: “a vida continua, preciso trabalhar e o trabalho que me ofe-

receram nesse verão é lá”. Só que Stela não está disposta a entender tantas racionalidades: todos os dias, quando acorda e lembra que já não tem mãe, percebe que na vida não há justiça nem lógica. O discurso do pai só a faz sentir-se mais sozinha.

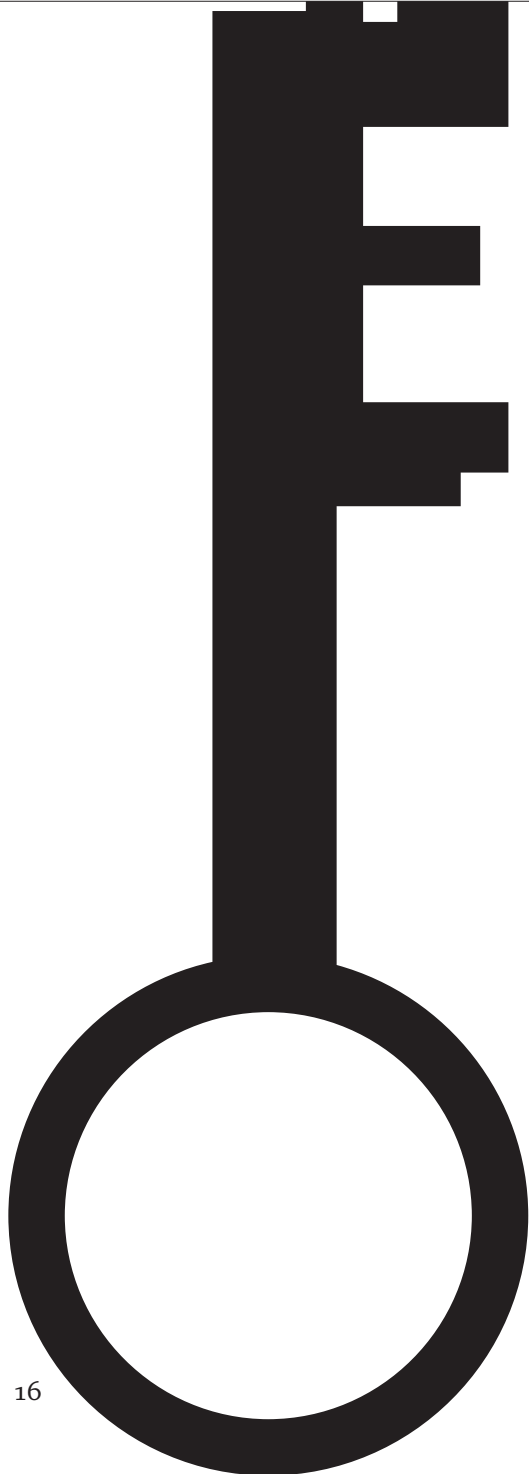
Seu irmão, Miguel, também não ajuda em nada. Aos oito anos, ainda acredita num mundo onde há explicação para tudo, inclusive para o drama que vivem. Coitado do Miguel. Até a morte da mãe foi modificada por sua imaginação fértil. Para ele, ela é uma heroína que morreu lutando contra os piratas. Só que a verdade, infelizmente, é muito mais crua: a mãe, que amava o oceano e suas profundezas, morreu ao mergulhar nos escombros de um velho navio naufragado. Procurava desvendar grandes mistérios, mas encontrou apenas uma chave enferrujada que não largou nem depois de morta e que agora fica o tempo todo pendurada no pescoço do Miguel. Ele acha que ela dá sorte, o que é um tanto incompreensível. Sorte é uma coisa que passa longe deles há muito tempo.

“Paraty à vista”, anuncia o pai.

Stela não abre os olhos, adia esse momento o máximo possível. Já o irmão não contém a ansiedade. Tira os fones do ouvido dela e fala com a voz estridente:

“Acorda! A gente tá quase chegando!”

Irritada, ela puxa os fones de volta com um tranco e finge que está dormindo. Mas é impossível ficar alheia à movimentação de Miguel, que revira a mochila repleta de traquitanas inúteis: livros velhos,



papéis amassados, restos de chocolate, pedregulhos, conchas, lápis sem ponta, anzóis sem isca, uma lupa com o cabo remendado, um canivete que não corta, uma lanterna que não ilumina e até uma bússola completamente desorientada.

Com um gritinho histérico, ele anuncia que encontrou o que procurava. E, como sempre, segue em frente sem respeitar fronteiras. Distribuindo cotoveladas, desdobra um velho mapa de Paraty em cima da irmã.

Stela finalmente lança para Miguel um olhar furioso, o que basta para ele entender, recuar para a ponta do banco e se afastar dela o máximo possível. A comunicação entre os dois muitas vezes acontece assim, já que Miguel é um menino curioso e barulhento, e Stela vem se tornando cada vez mais apática e silenciosa. Ela volta a fechar os olhos, põe o volume da música no máximo e continua tentando ignorar o óbvio: estão cada vez mais perto e não há nada que possa fazer. Sente ódio do pai, do irmão, de tudo.

Stela percebe o carro trepidar e diminuir a marcha. Culpa do calçamento antigo, onde só bêbados, nativos e crianças conseguem se equilibrar. “Pés de moleque”, ela se lembra: é assim que se chamam as pedras grandes e irregulares que cobrem as ruas do centro. Foi a mãe que lhe ensinou isso um dia.

“Ânimo, garota”, o pai diz para motivá-la assim que o carro para. É pouco, mas, sem alternativa, Stela abre os olhos.

A cidade está entregue ao sol e são raros os que têm coragem de cruzar as ruas de pedra sob o calor abrasador. As casinhas em estilo colonial continuam plantadas umas ao lado das outras. Parecem estar ali desde o início dos tempos, com suas janelas de diferentes cores e paredes caiadas de branco.

A mãe deles adorava caminhar por aquelas ruas. De tanto em tanto, parava para conversar com um nativo que encontrava pelo caminho, para admirar uma rede de pesca que ia sendo tecida com paciência, para mostrar uma casinha especialmente bonita — que os filhos mal viam, sempre correndo à frente, agitados demais para acompanhar os passos vagarosos dos adultos.

Agora, ao sair do carro, Stela não tem mais nenhum motivo para correr, nenhuma curiosidade para saciar, nenhum lugar para onde ir. Por isso se mantém alguns passos atrás daqueles dois homens que são a única família que tem. Uma família meio discutível, porque o irmão e o pai, que caminham de mãos dadas, vivem num mundo diferente, um mundo do qual Stela não faz parte. Miguel até puxa assunto para mostrar, junto ao meio-fio, os buracos que dão passagem para a água do mar que invade a cidade nas noites de lua cheia e maré alta — mas ela não tira os fones, responde com monossílabos e ele logo desiste de conversar.

Quanto mais se aproximam do mar, o mesmo mar que lhes levou a mãe, maior é o número de turistas que vão e vêm dos passeios de escuna. Stela desvia

deles com impaciência. A mala que carrega é pesada, o suor pinga da testa e o pai vira-se mais uma vez:

“Quer ajuda com a bagagem?”

Ela não responde, mas pergunta de volta, irritada:

“Onde é que a gente pega o barco?”

Rodrigo suspira fundo e aponta, alguns metros adiante, uma pequena traineira com a tinta verde descascada. Na proa, ainda é possível ler o nome da embarcação, batizada em homenagem à mãe: *Laura*.